

A CONQUISTA DE JERUSALÉM E AS VIRTUDES DO INFIÉL NOS RELATOS DE PEREGRINAÇÃO DOS SÉCULOS XIII E XIV

RAFAEL AFONSO GONÇALVES*

Visitar a Terra Santa no medievo foi considerado um dos mais importantes atos votivos que um cristão poderia realizar, sobretudo a partir do século XI, quando a “imitação de Cristo” ganha paulatinamente força dentro da prática da peregrinação¹. Nesse período, tal viagem deixa de ser entendida como um isolamento da sociedade, consolidando-se sob a forma de uma viagem a espaços delimitados e sacralizados pela tradição cristã. A região palestina recebeu, assim, maior importância em relação a outros locais, pois sobre essa terra o próprio Deus cristão caminhara em sua passagem pela terra. A retomada do controle desses espaços pelos muçulmanos, no decorrer do século XIII, foi um ponto de interesse partilhado pela grande maioria dos viajantes cristãos que visitaram a Terra Santa nesse período. A derrota cristã, para os peregrinos, tinha menos relação com uma possível superioridade militar muçulmana do que com uma resposta divina à conduta voluptuosa de alguns cristãos. O presente texto tem como objetivo perceber como o domínio muçulmano na Terra Santa adquiriu um sentido fundamentalmente moral e como os relatos de peregrinação, ao procurar justificar tal domínio produziram, a partir da descrição desse povo infiel, um conjunto de virtudes que deveriam ser praticadas pelos cristãos.

A sacralidade da terra e a impureza de seus homens

O choque causado pela presença muçulmana nos santuários da Terra Santa perpassa os relatos de inúmeros visitantes ocidentais nos séculos XIII e XIV. A idéia da Terra Santa lida nas Escrituras, onde as personagens centrais do cristianismo passaram suas vidas conhecendo numerosos milagres, contrasta com a imagem de uma região que

* Mestrando em História Medieval pela Universidade Estadual Paulista – Campus Franca, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Susani S. Lemos França. Este texto conta com o apoio da CAPES.

¹ Esta idéia está de acordo com a análise de Pierre Andre Sigal, cujo estudo aponta que mesmo que a busca por lugares consolidados como sagrados já ocorresse em períodos anteriores, a conjunção entre as idéias e práticas ganha força somente no século XI, quando se percebe nitidamente o desejo de “imitação de Cristo”, através do estabelecimento do itinerário baseado nos mesmos caminhos percorridos por Ele. Cf. SIGAL, 1974.

não deixou de ser “Santa”, mas que acolhe um povo “incrédulo”. Em um dos primeiros relatos de viagem do século XIII, que discorre mais detalhadamente sobre a situação da Terra Santa após a tomada de Jerusalém por Saladino, o monge franciscano Thietmar explana atenciosamente seus encontros com os muçulmanos e as modificações dos antigos santuários cristãos de Jerusalém: “O templo do Senhor, chamado de Salomão, admiravelmente ornamentado foi transformado pelos Sarracenos em uma mesquita para seu uso, onde nunca nenhum cristão tem o direito de entrar” (THIETMAR, 1997: 943).

A presença sarracena é também percebida como um empecilho para a visita à Terra Prometida, pois a chegada à tão esperada “Santa Terra da Promissão” geralmente não é acolhedora. Ao desembarcar em Beirute, em Jaffa ou em Alexandria, os peregrinos têm sempre o sentimento de estarem abrigados no estrangeiro (CHAREYRON, 2000: 90), que por vezes os constrange em sua “santa devoção”. O relato de Symon Semeonis, primeiro peregrino irlandês em Terra Santa, provavelmente escrito entre os anos de 1330 e 1350, é elucidativo quanto às restrições impostas aos cristãos no Oriente. Em sua estadia na cidade de Alexandria, o peregrino menciona a interdição infligida aos cristãos de transitar pela cidade no período de reza dos muçulmanos:

Os Sarracenos agem assim para proteger com o maior cuidado sua cidade, particularmente na sexta-feira, quando durante o período da reza, é interdito a todos os cristãos, de qualquer condição que eles sejam, de sair de suas casas, as quais os Sarracenos fecham e trancam pelo lado de fora (SEMEONIS, 1997 : 974).

Tal constrangimento imposto aos cristãos, todavia, também foi concebido como uma penitência. No objetivo de uma peregrinação, especialmente no caso da viagem a Terra Santa – devido a sua grande distância e dificuldade de efetivação – também estava implícito o ato de sacrifício (GRABOÏS, 1998: 67-72). A peregrinação a Terra santa nesse período pode ser entendida como uma dupla penitência: uma que se refere ao indivíduo, que aflige o corpo e a alma do viajante; e outra coletiva, que toca o povo cristão, angustiado pelo domínio do local consagrado por sua tradição por um povo infiel. Mas todo penitente almeja o perdão, e essa graça, em um sentido geral, seria alcançada no momento em que o controle da Terra santa passasse novamente às mãos dos cristãos. A maneira pela qual os viajantes ocidentais concebiam a dominação muçulmana na Terra Santa, nesse sentido, adquiriu sentido que perpassava por um

caráter ético-religioso, que procurava responder as expectativas que os cristão possuíam tanto dos muçulmanos quanto de si próprios.

Por que *eles*?

Apenas refutar todas as características dos muçulmanos já não era mais suficiente para suprir as necessidades de entendimento desse povo de além-mar, afinal, segundo a própria concepção cristã medieval, por algum motivo Deus escolheu os muçulmanos, pelo menos por um período, para dominar a terra palmilhada por Ele. Cabia então aos cristãos aclarar as razões pelas quais a Providência Divina os furtou do controle da santa terra e retomar a esperança de um possível retorno.

O “*Livro das Maravilhas do Mundo*”, de Jean de Mandeville, escrito, ao que tudo indica, em meados do século XIV, por vezes justifica a dominação muçulmana por seus valores morais, contrastados muitas vezes com os vícios cristãos. A vontade de Deus, cujo conhecimento guardaria todos os pecados e virtudes de todos os povos do mundo, permanece como juíza superior dos acontecimentos mundanos. A sacralidade da Terra santa, segundo ele, não poderia coexistir muito tempo com povos pecadores, o que, ao mesmo tempo em que crítica a conduta cristã, abre espaço para sua redenção e retorno ao controle dessa terra:

Essa terra de Jerusalém tem permanecido nas mãos de diversas nações. E, freqüentemente, o país tem sofrido em razão do pecado dos que lá viviam, pois esteve sob o comando de tão diferentes povos como judeus, cananeus, assírios, persas, medos, macedônios, gregos, romanos, cristãos, sarracenos, bárbaros, turcos e tártaros e muitos outros. E Deus não quer que essa terra santa fique muito tempo nas mãos de traidores, nem pecadores, sejam estes cristãos ou outros. Agora, essa terra encontra-se dominada por infiéis há mais de 40 anos,² porém, se Deus quiser, não ficará muito mais tempo nessa situação (MANDEVILLE, 2007: 90).

Procurando decodificar a providência divina, é atribuída à perda de Jerusalém um sentido moral, referente a conduta do povo que a controla. O viajante procura, desse modo, justificar a perda da região santa para um povo considerado seguidor de uma religião falsa e possuidor de costumes viciosos, mas que mesmo assim se mostrava muitas vezes mais admirável e digna de qualidades do que as dos cristãos, o que justificaria a escolha de Deus. Em uma das mais emblemáticas passagens da obra do

² Segundo a tradutora da obra, Susani Lemos França, alguns dos editores da obra de Mandeville consideram que essa data se refere a uma provável cópia de algum autor anterior, dado que a referência seria à tomada de Jerusalém por Saladino em 1187 e Mandeville escreveu em 1356.

cavaleiro inglês Jean de Mandeville, este descreve uma conversa que teve a sós com o sultão a respeito dos costumes dos ocidentais. Após responder de forma positiva ao questionamento lançado pelo sultão sobre o comportamento dos cristãos, Mandeville é surpreendido por uma réplica do muçulmano, que menos do que uma refutação dos fundamentos cristãos, é uma feroz crítica aos hábitos desses, fundada nos próprios preceitos do cristianismo. Embora relativamente extensa, permito-me expor aqui a réplica do sultão na íntegra dada a preciosidade do excerto:

Ele replicou que, na verdade, não era assim, "pois vossos clérigos não se preocupam em servir a Deus. Eles deveriam dar exemplo aos leigos de como agir bem, no entanto, o exemplo que dão é de como agir mal. Ademais, nos dias de festa, quando a gente comum deveria ir à igreja para servir a Deus, vai às tabernas e, entregue à gula noite e dia, come e bebe como animais que não sabem quando parar. E, ainda, os cristãos maquinam todo tipo de artimanha para rivalizar uns com os outros e para prejudicar uns aos outros. São tão soberbos que não sabem como se vestir, ora traje longo, ora curto, ora apertado, ora folgado, ora bordado; portanto, andam vestidos de todas as formas possíveis, de couros e outras coisas.³ Eles deveriam ser simples e humildes, verdadeiros e caridosos como foi Jesus, no qual crêem, mas são justamente o contrário, sempre inclinados ao mal. São tão ávidos que, por pouco dinheiro, vendem suas filhas, suas irmãs ou suas próprias esposas para a luxúria. Cada um toma a esposa do próximo, não sendo ninguém fiel a ninguém. Violam a lei que Jesus Cristo lhes deu e ensinou para que pudessem se salvar. E foi em razão de seus pecados que perderam esta terra que agora nos pertence e, da mesma forma, foi em razão desses pecados e não só por nossa força que seu Deus a pôs em nossas mãos. Por isso, sabemos seguramente que, quando servirdes bem a Deus, ele vos ajudará, e quando ele estiver convosco, ninguém estará contra vós. Sabemos bem, por nossas profecias, que os cristãos reconquistarão esta terra quando servirem a Deus devotamente. Todavia, enquanto seu modo de vida for tão vil, não teremos nenhum tipo de medo, pois Deus em nada os ajudará" (MANDEVILLE, 2007: 138-139).

Antes mesmo de qualquer comentário sobre o excerto é interessante notar a reação de Jean de Mandeville diante de tamanha crítica do sultão. Constrangido, pois como ele menciona “é de uma grande vergonha para nossa religião e nossa fé quando gente que não tem religião nem fé nos reprovam e nos repreendem por pecarmos”, e impossibilitado de contradizê-lo, dada a situação do povo cristão em relação à Terra Santa, o peregrino ocidental se mostra em acordo com a análise do muçulmano, e retrai-se: “Diante disso, perguntei-lhe como sabia tantas coisas acerca dos cristãos”. No entanto, Jean de Mandeville abre espaço para a redenção dos cristãos, que se dará não por vias de melhorias militares, mas pela futura conduta virtuosa dos cristãos em

³ Ainda segundo a tradutora desta obra, as diversas edições utilizadas na tradução trazem muitas variações sobre as formas de vestir.

detrimento da muçulmana. Como ele menciona, “todos ali são sarracenos e pagãos”, mas as faltas desse povo trarão a terra novamente para os cristãos, pois “da mesma forma que as terras se perderam por causa dos pecados dos cristãos, assim serão conquistadas de novo pelos cristãos com a ajuda de Deus” (MANDEVILLE, 2007: 92).

As descrições dos povos avistados na Terra Santa se encontram, pois, permeadas por essas tendências, oscilantes entre uma justificativa moral da presença muçulmana e uma reivindicação da herança cristã, fincada na esperança de um possível retorno dos cristãos ao controle da região. Entrecruzadas por essas inclinações, as descrições dos muçulmanos que se encontram na Terra santa adquire novos contornos, mais verossimilhante para os homens daquele tempo, que procuraram entender o “porquê” do controle muçulmano na região em que o próprio Jesus “escolheu” para viver. Uma das alterações nas formas de descrição dos muçulmanos encontrados é a distinção entre *beduínos*, *assassinos* e, por fim, *sarracenos*, única terminologia empregada até então, mas que permanece sendo utilizada de maneira relativamente genérica.

Respostas possíveis e suas imagens moralizantes: Beduínos, Assassinos e Sarracenos

Os beduínos ou árabes, como também são chamados, são mencionados principalmente no caminho desértico que leva ao Monte Sinai. Esse povo, “os únicos que conhecem a rota do deserto”(THIETMAR, 1997: 949), como nota o já mencionado Thietmar, geralmente conduzem os peregrinos em seus camelos até o santo Monte. Nômades e sujeitos a todas as intempéries e privações proporcionadas por uma vida no deserto, geralmente são descritos como selvagens. No entanto, eram destacadas suas qualidades de bons guerreiros. Guilherme de Boldensele autor do relato de viagem intitulado *Traité de l'Etat de La Terre Sainte*, redigido em 1336, por exemplo, os caracteriza como “fortes e hábeis” (BOLDENSELE, 1997: 1013) e o já citado Jean de Mandeville também aponta para suas qualidades, como “homens fortes e bons lutadores” (MANDEVILLE, 2007: 83). Sua coragem e força como guerreiros é um ponto compartilhado por muitos viajantes. Mandeville destaca sua valentia e coragem contra os ultrajes efetuados por outros povos: “[...] não temem o sultão nem nenhum príncipe. Ao contrário, atrevem-se a lutar contra ele quando se sentem ofendidos por algum motivo” (MANDEVILLE, 2007: 83-84). Guilherme de Boldensele, por sua vez, enfatiza a

potencialidade da força dos beduínos: “[...] dizem que se esses Árabes do deserto o desejassem, poderiam facilmente conquistar o Egito e a Síria” (BOLDENSELE, 1997: 1014). Partindo da idéia de bons guerreiros, o peregrino alemão Thietmar chega mesmo a compará-los aos cavaleiros cristãos e, ainda, a mencionar como esses prestam referências aos guerreiros beduínos, em suas palavras:

[...] os Beduínos são cavaleiros maravilhosamente hábeis. Eles erguem um painel circular, como nas justas, que devem perfurar com sua lança jogando-a durante o galope. [...] Os cavaleiros cristãos se mostram muito corteses com os cavaleiros beduínos, honram-no e vão até oferecer-lhes presentes.(THIETMAR, 1997: 941-942).

Podem ser encontradas também nas viagens empreendidas à Santa Terra referências sobre outro povo muçulmano – os assassinos – seita seguidora do “Velho da Montanha”, denominada por seus estudiosos como ismailiana⁴. Os ismailianos pertenceram a um grupo de muçulmanos partidários de Ali, portanto xiitas, que a partir da metade do século VII formaram a seita que permaneceu durante muito tempo secreta. Era imputado ao Velho da Montanha um castelo muito fortificado na região da Antioquia, com um belíssimo jardim, onde era oferecida aos seus visitantes uma substância⁵ que os deixavam extasiados. O Velho, nesse momento, prometia ao guerreiro aquele paraíso e a ida a um lugar ainda mais belo, se ele matasse quem ele o desejasse. Assim, o Velho da Montanha e sua seita ficaram conhecidos no Ocidente pelo medo que geravam. Odorico de Pordenone, um franciscano que viajou ao Oriente na primeira metade do século XIV, chega a mencionar que “todos os reis temiam este velho e lhe pagavam grande tributo” (PORDENONE, 2005: 333).

Mas os assassinos não eram conhecidos apenas pela sua crueldade, tendo a fidelidade ao seu senhor aparecido, por vezes, como um traço característico em suas descrições. No *Tractatus de Locis Sancte Terre*, de autor anônimo do século XIII, são descritos, além de aspectos geográficos da Terra Santa, alguns traços dos povos que poderiam ser encontrados ali, não ficando sem menção os assassinos como um povo com peculiares características. Esse tratado, utilizado por alguns viajantes ocidentais na

⁴ Sobre esse tema Cf. LEWIS, 2003.

⁵ Esta substancia é mencionada por viajantes, como Mandeville e Odorico de Pordenone, como uma bebida. Entretanto, é possível encontrar algumas referências indicando que essa droga seria o haxixe. Segundo alguns autores, o termo *Assassinos* é originário da denominação persa e árabe *Hassin*, que significa “consumidores de haxixe”. Desta maneira, pode-se encontrar, como é o caso do relato do franciscano Guilherme de Rubruc de meados do século XIII, sua denominação de *haxasinos* ou *hacsasino*. Cf. RUBRUC, 1997: 150.

sua descrição da Terra Santa, como Thietmar e Jacques de Vitry, menciona a lealdade com que os súditos do Velho cumpriam suas ordens:

Tratam seu líder como se fosse um deus, e obedecem a seus comandos até a morte. Quando seu príncipe, que é sempre chamado de o Velho homem, como se fosse um sábio, deseja matar algum outro príncipe, [então] no centro de suas facas nomeia quem deseja assassinar. Assim, cada homem corre até as facas, e aquele que é capaz de alcançar uma, agradece o príncipe e imediatamente parte para matar a pessoa que fora escolhida. (ANÔNIMO).

O Velho da Montanha que, segundo o historiador Jacques Le Goff, de fato criava em seus palácios adolescentes de seu país, os quais lá aprendiam todas as línguas e lhe votavam obediência absoluta, era admirado pelos ocidentais como um grande senhor. Mesmo que sua missão fosse cruel, ainda de acordo com o renomado historiador francês, esses “terroristas” fiéis até à morte ao seu chefe eram heróis desse sentimento que os cristãos feudais admiravam mais do que qualquer outro: a fé, a fidelidade (LE GOFF, 2000: 489).

Todavia, a grande maioria das descrições dos muçulmanos da Terra Santa se restringe aos *sarracenos*⁶. Essa denominação aparece ainda de maneira abrangente, visto que não considera as diferenças pactuadas pelos próprios muçulmanos da Palestina. Os sarracenos, nesse sentido, são o conjunto de homens que seguem a lei de Maomé, e são súditos dos príncipes dirigentes dos Estados organizados controladores da região palestina, ou seja, os sunitas (LE GOFF, 2000: 484). As descrições dos sarracenos são numerosas e se encontram em diversas partes dos relatos sobre a visita à Terra Santa. É possível notar, no entanto, uma série de tópicos partilhados pelas narrativas que conferem às descrições um contorno comum.

Algumas nuances são perceptíveis entre certo número de viajantes, que relevam os aspectos de suas considerações de acordo com o objetivo do relato, ou até mesmo de acordo com seus possíveis leitores, por vezes destinados a reis e altos clérigos. Mas mesmo essas pequenas divergências entre as narrativas não minimizam os principais pontos pactuados pelos ocidentais do período. Tendo em vista os fins pedagógicos que os escritos no medievo não puderam deixar de considerar⁷, os tópicos

⁶ A designação de *Mouros*, largamente utilizada pelos ibéricos, não aparece na grande maioria dos relatos de viagem a Terra Santa até o final do século XIV.

⁷ Sobre o caráter pedagógico dos escritos medievais Cf. RÉGNIER-BOHLER, 1990. p. 313-391; ZINK, 2002. p. 79-93.

que delinearão a imagem dos sarracenos não apenas aprofundaram os pontos de divergência entre esses e os cristãos, mas também apontaram, por vezes, para suas características consideradas modelares. Reafirmando as discordâncias e elogiando suas qualidades comuns, os tópicos abordados por essa literatura de viagem delimitam também como os próprios ocidentais se imaginavam.

Assim, como procuramos elucidar, a imagem construída acerca dos muçulmanos ocupantes da Terra Santa no sublinhado período, especialmente nos relatos de viagem, não pode ser desvinculada da situação privilegiada em que se encontravam os seguidores do Corão. Tornou-se necessário aos sarracenos também portarem traços elogiáveis, afinal, esse povo foi escolhido pelo próprio Deus cristão, senhor de todas as terras, para comandar a Terra Santa. A devoção dos sarracenos, nesse sentido, é um verdadeiro ponto partilhado pelos autores dessa literatura de viagem que, sem deixar de possuir uma função pedagógica, exalta os costumes considerados virtuosos por sua própria moral cristã. Symon Semeonis declara sua admiração sobre o zelo religioso dos sarracenos, como relata o peregrino irlandês: “Eles rezam em minha opinião com grande devoção, com muitas inclinações e reverências sobre seu pano, virado para o templo de Deus, segundo eles, ou seja, para Meca” (SEMEONIS, 1997: 977). Jean de Mandeville chega a mencionar que “os sarracenos são bons e leais, já que guardam escrupulosamente os preceitos de seu livro sagrado” (MANDEVILLE, 2007: 139).

A devoção dos sarracenos à Virgem Maria também era um ponto de respeito dos viajantes. A veneração dos sarracenos pela mãe de Jesus Cristo e a concordância com o dogma cristão referente à sua virgindade, mesmo após o parto de seu único filho, foi relatada com simpatia por diversos viajantes. Jean de Mandeville declara que os sarracenos:

Crêem e falam de bom grado da Virgem Maria e da encarnação. Dizem que Maria foi orientada pelo anjo, e que Gabriel lhe disse que ela havia sido escolhida desde o começo do mundo, bem como lhe anunciou a encarnação de Jesus Cristo e disse que ela concebeu e gerou seu filho mantendo-se virgem (MANDEVILLE, 2007: 135).

Em sua passagem pelo Cairo, o indicado peregrino Symon Semeonis relata sobre uma conhecida fonte, onde “por mérito da Virgem, numerosas doenças são curadas”. O viajante irlandês menciona mesmo que, “como nos afirmou sob juramento os guardiões”, a Virgem “aparece às vezes em pessoa aos Sarracenos” (SEMEONIS, 1997: 987). A aparição de Santa Maria possivelmente indicaria aos cristãos seu próprio

reconhecimento da devoção dos sarracenos, pois não seria concedido tão valioso ato a um povo que tivesse apenas atos viciosos.

Todavia, uma das mais interessantes passagens da relação entre a Santa Virgem e os sarracenos encontra-se na narrativa de viagem de Thietmar. O peregrino alemão chega a relatar dois milagres da santa em favor dos muçulmanos. Um deles é sobre uma pobre mulher que, devido às orações do povo reunido, recebeu milagrosamente um recipiente cheio de um óleo santo da própria Virgem, e outro milagre relatado é sobre a recuperação da visão de um sultão que, como menciona paradoxalmente Thietmar, “embora fosse pagão, [...] tinha fé em Deus” (THIETMAR, 1997: 939).

Considerações Finais

As descrições dos muçulmanos encontrados na Terra Santa se configuraram, desta forma, de maneira oscilante. As depreciações totalizantes dos períodos do início das Cruzadas, e anteriores a este, cederam espaço para distinções, também para os elogios, e até a admiração dos viajantes. Os resquícios da imagem de uma religião pagã, entretanto, aparecem por vezes na descrição da religiosidade desse povo de além-mar. A herança da imagem de “sarracenos pagãos” se faz presente nos relatos de viagem mesmo em períodos mais tardios. Mas, por outro lado, justificar a presença muçulmana no controle da Terra Santa configurava-se necessário.

Como aponta Philippe Sénac, a situação dos cristãos em relação a Terra Santa se encontrava em um momento delicado (SÉNAC, 1983: 124-127). As derrotas dos cruzados, o fracasso na conversão dos muçulmanos e as crises internas pelas quais a própria Igreja passava, principalmente no século XIV⁸, abriram a fenda para que a veracidade da antiga imagem dos sarracenos fosse questionada. O domínio muçulmano da Terra Santa figurou no imaginário dos viajantes como um fator precipitador de uma revisão dos costumes sarracenos e, também, dos próprios hábitos cristãos, a fim de atribuir um sentido a essa “escolha de Deus”. Desta forma, a incerteza da idéia que eles possuíam da alteridade desse povo abriu espaço até para uma certa “relatividade cultural”, mas que, como todo relativismo, era possuidora de um centro: o fundamento

⁸ Podem-se citar aqui as críticas ao enriquecimento da Igreja e as disputas entre o papado de Roma e de Avinhão.

religioso cristão; pois, como menciona o grande viajante inglês, Jean de Mandeville, em uma passagem contida já no fim de seu relato: “[...] ninguém deveria depreciar ninguém por suas crenças diferentes, pois não sabemos quem Deus ama e quem detesta.” (MANDEVILLE, 2007: 244). O desejo de se fundar uma nova imagem que correspondesse mais adequadamente à situação que os cristãos enfrentavam, ou melhor, a busca pela Verdade de Deus, levaram os viajantes que visitavam a Terra Santa a descrever por vezes os sarracenos com equidade e simpatia.

Bibliografia

ANÔNIMO. **Tractatus de Locis Sancte Terre** Disponível em: <http://www.leeds.ac.uk/history/weblearning/MedievalHistoryTextCentre/Tractatus%20de%20Locis%20Sancte%20Terre.doc> Acesso em : 20 mar. 2009.

EMMANUEL PILOTI. *Traité sur la passage en Terre saint.* In REGNIER-BOHLER D. (dir.), **Croisades et pèlerinages, Récits, chroniques et voyages en Terre sainte XIIe-XVIe siècle**, Paris,1997.

GRABOÏS, A. **Le pèlerin occidental en Terre sainte au Moyen Age**. Paris 1998.

GUILHERME DE BOLDENSELE. *Traité de l'état de la Terre sainte.* In REGNIER-BOHLER D. (dir.) **Croisades et pèlerinages: récits, chroniques et voyages en Terre sainte XIIe-XVIe siècle**, Paris,1997.

GUILERME DE RUBRUC, *Itinerário.* In **Crônicas de viagem: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330)**; Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.

LE GOFF, J. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LEWIS, B. **Os assassinos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

ODORICO DE PORDENONE. *Relatório.* In **Crônicas de viagem: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330)**; trad. intr. e notas de Idelfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005. p. 333.

SYMON SEMEONIS. *Le Voyage de Symon Semeonis d'Irlande en Terre sainte.* In REGNIER-BOHLER D. (dir.), **Croisades et pèlerinages, Récits, chroniques et voyages en Terre sainte XIIe-XVIe siècle**, Paris,1997.

REGNIER-BOHLER D. (dir.), **Croisades et pèlerinages, Récits, chroniques et voyages en Terre sainte XIIe-XVIe siècle**, Paris,1997.

_____. *Exploração de uma literatura.* In: DUBY, G. **História da Vida Privada**, V. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SÉNAC, P. **L'image de l'autre. L'Occident médiéval face à l'Islam**. Paris, 1983.

SIGAL, P-A. **Les marcheurs de Dieu. Pèlerinages et pèlerins au Moyen Age**. Paris, 1974.

THIETMAR. Le Pèlerinage de Maître Thietmar. In REGNIER-BOHLER D. (dir.), **Croisades et pèlerinages, Récits, chroniques et voyages en Terre sainte XIIe-XVIe siècle**, Paris,1997.

VIAGENS de Jean de Mandeville. Tradução, introdução e Notas de Susani Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.

ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J. C. (dir.). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2002.